



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

BIANCA DE OLIVEIRA MONIZ

UM ESTUDO SOBRE O SUICÍDIO ENTRE UNIVERSITÁRIOS DA BAHIA

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

BIANCA DE OLIVEIRA MONIZ

UM ESTUDO SOBRE O SUICÍDIO ENTRE UNIVERSITÁRIOS DA BAHIA

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Orientadora: Professora Dra. Érica Aparecida Kawakami Mattioli.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

BIANCA DE OLIVEIRA MONIZ

UM ESTUDO SOBRE O SUICÍDIO ENTRE UNIVERSITÁRIOS DA BAHIA

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Aprovado em 02/04/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. *Érica Aparecida Kawakami Mattioli*

(Orientadora)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira

Profa. Dra. *Juliana Dourado Bueno*

(Examinadora)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira

Profa. Ma. *Livia Cristine Arrelias Costa*

(Examinadora)

Psicóloga Social

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA DE PESQUISA	7
3	OBJETIVOS	7
3.1	GERAL	7
3.2	ESPECÍFICOS	7
4	JUSTIFICATIVA	8
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
6	DESENHO METODOLÓGICO	18
7	CRONOGRAMA	21
	REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

As universidades brasileiras são instituições de ensino, pesquisa e extensão que permitem aos jovens formações acadêmicas específicas como o desenvolvimento de investigação científica e atividades de extensão comunitária, com a função de compartilhar conhecimentos para formar um novo profissional ao mercado de trabalho. A finalidade da educação superior, de acordo com as determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 1996 (LDB\96) é estimular a criação cultural, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, além de formar diplomados em diferentes áreas de conhecimento em prol do desenvolvimento da sociedade brasileira incentivando a compreensão dos problemas do mundo presente, necessariamente, nacionais e regionais (BRASIL, 2017).

No caso das instituições de ensino superior (IES) baianas, são organizações de educação federais e estaduais, iniciativa do poder Executivo Federal e ou Estadual ou privadas, pertencentes a grupos nacionais ou internacionais. Milhares de estudantes saem dos interiores pertencentes à Bahia ou de diversas regiões de todo o país para estudar nas IES/BA. Os discentes são oriundos de diferentes ambientes sociais, com perfis distintos de acesso à educação, relação com o trabalho, aspirações, apoio material.

De acordo com a Faculdade Real de Psiquiatria, em 2011, conforme citado por Castro (2017), as universidades são vistas não somente como um ambiente educacional, mas também como provedora de recursos para promover saúde e bem-estar nos estudantes, funcionários e comunidade. No entanto, as exigências específicas do período dos exames vestibulares, a partida da casa de origem, o contato com outras experiências, com novas pessoas em um novo espaço social, as demandas de organização da própria vida, as exigências dos processos de avaliação e de seleção nesse espaço da universidade, podem se constituir em importantes desafios para parte desses jovens.

Levantamentos preliminares apontam para a universidade como espaço que, para alguns, pode ser propiciador do desenvolvimento de dores, angústias e transtornos emocionais que podem culminar na tentativa do suicídio, o que requer da instituição a condução dos encaminhamentos ou intervenções nas situações identificadas.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2018), referida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a cada 40 segundos, uma pessoa pratica o ato suicida, são 800 mil por ano, no mundo, sendo 65 mil nas Américas. Segundo a Secretária da Saúde do Estado da Bahia (SESAB, 2017), o suicídio é a segunda causa de morte de jovens no mundo, a terceira

no Brasil. Com o aumento de casos enfrentados pelo Brasil, com base nos dados do Centro Antiveneno da Bahia (CIAVE), através do seu Núcleo de Estudo e Prevenção do Suicídio (NEPS), o país se encontra no ranking ocupando a 8ª posição. Nos últimos 10 anos, a taxa de suicídio cresceu 40% entre os brasileiros de 15 a 29 anos, sendo a incidência de 12 mil por ano pela população em geral, implicando a busca de medidas de orientação, esclarecimento e intervenção. Na Bahia, entre 2010 e 2017, foram contabilizados aproximadamente 3.324 casos entre os habitantes. (SESAB, 2017).

De fato, as diferentes manifestações de sofrimento psíquico vêm atingindo um contingente expressivo de pessoas, principalmente jovens (OMS, 2000). Tal sofrimento, muitas vezes não compreendido, pode levar, inclusive, à discriminação do próprio jovem e, em alguns casos, conduzir ao suicídio. Entre universitários, o sofrimento psíquico tem se expressado, sobretudo, por meio de transtornos de ansiedade, quadros de depressão, crise de pânico, estresse e, em outros casos, conduzido ao suicídio, como pretendemos discutir.

Escrever sobre o tema do suicídio não é fácil, devido à sua multidimensão, fragilidade social que expõe, pelos poucos dados disponibilizados e por se tratar de um questionamento humano sobre a morte, a vida e os diversos tabus enfrentados pela discussão acerca da temática. Entretanto, os tabus devem e tendem a ser quebrados, as discriminações e preconceitos enfrentados e os compartilhamentos de informações por meio de palestras, pesquisas, dados divulgados, posto que, os assuntos relativamente ao suicídio são invisibilizados, muitas vezes, restritos a poucos correspondentes, inclusive pela ideia equivocada de que falar do suicídio poderia levar à reprodução do mesmo entre os jovens.

Contudo, inicialmente, o projeto é uma maneira importante de contribuir com o alerta, informar e dialogar com a comunidade acadêmica da Unilab sobre a constante dos problemas psíquicos entre jovens universitários da Bahia, dando ênfase às tentativas de suicídio. Este trabalho de conclusão de curso caminha em um percurso de intervenção social que tende a ser melhor desenvolvido na licenciatura de Ciências Sociais, com a finalidade de discutir, problematizar, analisar e compreender as características que envolvem o suicídio e em que proporções ele aflige a sociedade contemporânea, sobretudo os universitários da Bahia.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

O suicídio tem aumentado entre jovens universitários da Bahia, nos últimos 10 anos. Tendo em vista as mudanças nas dinâmicas sociais e a exposição a fatores e circunstâncias estressores e depressores que geram sofrimento, tais como a miséria, a violência, à competitividade, a exclusão, o racismo, como poderíamos descrever sociologicamente o suicídio na contemporaneidade brasileira?

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

- Compreender e discutir sociologicamente como o suicídio tem figurado teórica e conceitualmente nas pesquisas e estudos no campo das Ciências Sociais no Brasil, sobretudo para descrever sociologicamente o aumento de suicídio entre jovens universitários do estado da Bahia.

3.2 ESPECÍFICOS

- Levantar e discutir o perfil sócio-demográfico e acadêmico dos jovens que cometeram suicídio na Bahia;
- Identificar quais fatores estão descritos na bibliografia pertinente, nas produções acadêmicas como causa ou desencadeadores do suicídio, particularmente entre jovens universitários na Bahia;
- Identificar os argumentos e conceitos formulados teoricamente, no campo das ciências sociais, relativos ao suicídio;
- Compreender qual o diálogo das ciências sociais frente à temática do suicídio contemporaneamente.

4 JUSTIFICATIVA

Esse tema foi escolhido devido à minha experiência vivenciada na esfera familiar em que um caso de depressão levou um membro da família ao suicídio. Isso me levou a questionar a não identificação de todo o processo pelos familiares. Casos relatados por meio de professores, enfrentados por colegas e vivenciados na cidade de Santo Amaro, na qual resido, fizeram com que eu buscasse entender a relação entre os espaços e processos sociais com este problema. Considero que há necessidade de observar estes jovens de forma mais próxima e atenta, dando importância à sua experiência histórica e o lugar social de marginalização, exclusão e violência que experimentam nessa sociedade, destacando a quantidade de jovens usuários de remédios controlados para manter a saúde psíquica.

Fundamentando-me nessas reflexões iniciais, argumento sobre o suicídio no Brasil, onde ocorrem 32 mortes por dia. Na Bahia, registrou-se, em 2016, 412 casos de mortes por suicídio e em 2017 foram 114 registros.

O suicídio tem estado entre as preocupações centrais da Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS, 2018) que visa diminuir em 10% o número de mortes diárias por suicídio nos países, até 2020. Até o momento, apenas alguns países incluíram a prevenção ao suicídio entre suas prioridades de saúde e só 28 países relatam possuir uma estratégia nacional para o enfrentamento do suicídio.

Desta forma, inúmeras iniciativas de políticas públicas foram propostas no país, tais como os núcleos de pesquisa e o CIAVE que, desde 1991, inaugurou o Centro de Serviço de Psicologia para tratar especificamente do suicídio, onde presta acompanhamento psicológico aos que tentaram o ato. Em 2007, foram constituídos os Núcleos de Estudos e Prevenção do Suicídio (NEPS) que mantêm o acompanhamento dos que tentaram e oferecem apoio aos que estão em situação de risco, objetivando a sua redução. Na Bahia, foi desenvolvida pela equipe do NEPS e do serviço do Centro Antiveneno da Bahia (CIAVE) uma cartilha de prevenção ao suicídio chamada “Suicídio: estigma e enigma social”. Nela encontram-se informações de alerta para os sinais e sintomas do suicídio, fatores de risco de suicídio: manifestações de sofrimento psíquico (depressão e uso abusivo de substâncias psicoativas), tentativa anterior de suicídio e dificuldade de lidar com perdas.

Podemos observar que o tema suicídio é debatido socialmente, com maior evidência, em setembro, mês de seu combate, tendo o dia 10 a maior ênfase, porque foi definido como o dia de conscientização sobre a sua prevenção, alertando a população sobre a realidade dessa

ocorrência. A campanha deixa claro o quanto o tema precisa ser conhecido e enfrentado socialmente.

Alerta que se faz necessário uma maior efetividade nas ações voltadas a prevenção do suicídio, ou seja, que se possa de fato pôr em prática as diretrizes políticas atuais. O autor ainda infere que tais ações devem ser embasadas cientificamente, constituindo uma virtuosa tríade entre política, proteção e pesquisa, o que é muito difícil de alcançar. (MULLER; PERREIRA; ZANON, 20017, p.10 *apud* BOTEGA, 2015)

A mídia tem um papel de transmitir informação e de comunicação, porém, no caso do suicídio, ela omite. Existe pouca circulação de informações na internet favorecendo o apoio aos problemas psíquicos e ao suicídio, no mais, a população não sabe da existência dos institutos, organizações não governamentais (ONGs), núcleos e centros de apoio. A justificativa pode estar relacionada ao tabu social associado ao suicídio que levaria, inclusive, à fragilidade na sistematização dos dados por parte do SUS e outros órgãos públicos ou de estudos do suicídio. Nesse cenário, é possível notar a pouca informação disponibilizada acerca de dados concretos de suicídio dos estudantes universitários e dos casos na própria instituição.

O suicídio frequentemente não é reconhecido no âmbito social. Sua abrangência não deveria se circunscrever apenas na área da saúde, o que levaria a uma visibilidade maior do tema, proporcionando informações pertinentes e mais precisas à população. É importante, portanto, contribuir com estudos que discutam as dimensões do suicídio, como forma também de evidenciá-lo como uma questão social relevante para a qual se faz necessária a definição e implementação de ações de identificação e intervenção.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As profundas mudanças nas dinâmicas econômicas e sociais que afetam as sociedades contemporâneas em diferentes graus, intensificadas pelos processos globais de circulação de padrões de consumo, referências de existência e informações, tais como mudanças econômicas bruscas, falências, desemprego, apelo sistemático por sucesso, alta concorrência no mercado de trabalho, reconfiguração das relações sociais com base em novas temporalidades e demandas afetivas, aumento da vulnerabilidade social, solidão, ausência de proteção social, exposição à criminalidade, à drogadição, às diversas dimensões da violência,

à miséria, por exemplo, têm sido associadas aos acometimentos psíquicos, cada vez mais evidenciados em nossa sociedade.

A modernidade é marcada, entre outros aspectos, pela cultura midiática baseada na busca de padrões estabelecidos de beleza, valorização da imagem e na felicidade a todo custo. Desta forma, a valorização da vida ganhou um forte aliado, que é a exaustão humana, como argumenta a filósofa e psicóloga Viviane Mosé (2017). Para ela, o sofrimento, a dor e a solidão deveriam mover a ânsia de se manter vivo, por proporcionar um processo de amadurecimento, porém, observa-se o contrário, para muitos, a dificuldade de lidar com novas formas e possibilidades de convivência social e com indagações pessoais acerca de si próprio pode indicar que viver contemporaneamente pode ser um processo que fragiliza. As pessoas são fragilizadas em um mundo sem afeto, sem cor, sem arte, sem subjetividade no olhar do outro - são motores movidos pelo capitalismo, assim, enfrentam conflitos com sua finitude e infinitude, embora para alguns podemos desconsiderar a existência desse espaço, devido aos grupos e movimentos sociais de resistência e afirmação. Para alguns pesquisadores, o surgimento e a disseminação profunda do uso das novas tecnologias de informação e comunicação acentuam as atitudes de isolamento, retrocesso, dependência do outro em curtidas e elogios e impõem o questionamento do existir, do valor da vida e de ser sozinho.

Vivemos em um país que estruturou a marginalização, pobreza e desigualdade para uma parte significativa da população, marcando profundamente as relações sociais. A desigualdade social interfere em todo o corpo das comunidades, por ela é transmitida uma inferiorização do ser que pode se constituir pela desigualdade de renda, pela não garantia dos direitos de acesso e permanência à educação, saúde, lazer e aos níveis mais altos de escolaridade, pelo desemprego, pelas várias dimensões da violência, como o racismo e opressões de gênero e sexualidade. A Bahia é o estado brasileiro com o maior índice populacional de pessoas negras que enfrentam diariamente o racismo, sendo um dos principais fatores de causa que podem, em alguma medida, levar ao ato suicida.

A psicanalista Isildinha Nogueira (2008) e a psicóloga Maria Aparecida Bento argumentam sobre os efeitos psicossociais do racismo. Para a primeira, a auto-estima depende do que vemos no olhar do outro. Nogueira afirma que as questões sociais moldam as formas dos sentimentos construídos cujas discriminações - a violência em termos emocionais e afetivos - invisibilizam a possibilidade de ser mediante o racismo. Este racismo negro é internalizado para a vida, independente da idade, e causa dores. Diz ela, somos sujeitos

fundados e identificados pelo olhar do outro e quando esse olhar nos desumaniza, essa experiência pode levar ao adoecimento:

Nós só somos sujeitos porque existimos no olhar do outro, por isso somos quem somos. [...] Ser no próprio olhar é algo que construímos ao longo da vida, mas essa construção não nos nomeia enquanto sujeitos. [...] algo muito triste, é quando você percebe que a grande população dos hospitais psiquiátricos do País é negra. Por quê? Eu tenho a impressão que tem a ver com a história de não ter um lugar, de não ser. À medida que a pessoa se sente uma coisa e não se sente como pessoa. Não ser visto é enlouquecedor (NOGUEIRA, 2008, p. 41).

Sobre o racismo, o psiquiatra martinicano Frantz Fanon (2008) escreveu em seu célebre livro “Pele negra, máscaras brancas”, publicado pela primeira vez em 1951, que o racismo e o colonialismo produziam um conjunto de anomalias e afetações, que marcavam no corpo ou marcavam o corpo com a desumanização, então elas deveriam ser analisadas concebendo-as como tendo origem no seio da sociedade, como parte dessa sociedade racista e colonialmente estruturada e entendida como a forma gerada de ver, conviver, se expressar e entender neste mundo.

Sobre as sociedades contemporâneas ocidentais, o sociólogo Zygmunt Bauman (2001) argumenta que temos vivido como uma *sociedade líquida*, fundamentada em um individualismo de relações, competitividade, incertezas, angústia e ausência de sentido da vida.

A nossa [sociedade] é, como resultado, uma versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos. Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo (BAUMAN, pág. 14, 2001).

De acordo com Bauman (2001), nesta sociedade os conceitos que eram estabelecidos com base nos padrões de referência, como religião, moral, ética, classe, família perdem o seu valor, ou melhor, se *liquefazem* diante da transformação social resultando na fugacidade do indivíduo, na busca de uma felicidade inalcançável, ela própria se tornando um sentimento que pode ser comprado para solucionar uma “dor”.

A palavra suicídio tem origem no latim "sui caedere", a expressão significa "matar-se", foi utilizada pela primeira vez em 1717 por Desfontaines, apontando que a busca da morte seria um refúgio para eliminar todo o sofrimento insolucionável. O suicídio seria a busca incansável para solucionar uma dor inexplicável, tirar a própria vida seria uma ação

impulsiva, intencional, autoextermínio, como fuga dos sofrimentos que impedem o sujeito de “viver, ser feliz”, tendo a certeza que nada vai melhorar e nem se resolver. A tentativa ou a consumação do ato poderia ser uma forma de visibilizar essa condição, com base na discussão de Renato Ferreira (2008). Entretanto, de acordo com Cassorla (1985/2005, *apud* MULLER; FERREIRA; ZANON, 20017, p. 8), “o suicida não está em busca da morte em seu ato, mas vivencia uma fantasia onde matar-se não implica em necessariamente morrer”.

A morte não é um tema fácil de ser explicado devido à sua incerteza sobre o fim, medos e aflições. Qual é o fim? A forma com a qual a humanidade lida com a morte depende da sociedade e dos seus costumes. É no seio de uma sociedade específica que se experimenta a mobilização diante da morte, como a emoção, o luto e a tristeza. Em função disso, sempre existiu um julgamento sobre o suicídio.

Desde a antiguidade até a atualidade, o suicídio é um tabu, tanto por ser um assunto que trata da fragilidade da vida, expondo um universo desconhecido, de maneira incerta, pela sua finitude, quanto pela dificuldade da identificação e por estar associado a um conjunto de estereótipos. Apesar de, por muito tempo, ter estado associado ao pecado, crime, ação do mal, patologia e loucura, hoje, o suicídio é visto como uma ação voluntária, como discute Jullyanne São Pedro (2017).

Gammone et al (2016) vão explicar um pouco sobre o contexto do suicídio:

Na cultura grega clássica e no estoicismo romano clássico encontramos exemplos de suicídios altruísticos, egoísticos e agressivos com uma plena aceitação do suicídio como resposta individual e racional adequada a um destino adverso. No mundo antigo o tema do suicídio por vingança era relevante: Ajace e Dido são somente os dois casos mais conhecidos (DELCOURT, 1939 *apud* Gammone et al, 2016, p.261).

Os autores apresentam as mudanças conceituais que o suicídio sofreu em diferentes períodos. Na perspectiva cristã, o ato suicida era demonizado sendo prática proibida, pois era fortemente estigmatizado como um crime: quem se mata, não somente mata si próprio, por negar o maior dom de Deus: a vida. Nos meados do século V, na Europa cristã, o suicídio torna-se um ato bem mais culpável que o homicídio e delito, estando entre os piores pecados. A vida não pertence ao indivíduo, mas primeiramente a Deus, e essa decisão autônoma de autodestruição é unanimemente denominada de rebelião e desafia todo o plano natural e divino da vida.

Já no contexto renascentista, do pós-iluminismo, onde a ciência se torna presente com a razão deslocando o centro da sociedade que era baseada na fé, tem-se o início do estudo do corpo com Leonardo Da Vinci. Nesse momento, o suicídio faz renascer os temas fatalistas,

agressivos, pedagógicos preexistentes no mundo antigo, porém, enriquecidos de muitas novas sensibilidades e temáticas, conforme explica Gammone et al (2016).

Segundo os autores, entre o final do século XVII e início do século XVIII, as mudanças começam a se fazer presente, já que a sociedade estava iniciando uma nova era, a de industrialização, desta forma, aumenta consideravelmente na Europa o número de suicídios, sobretudo nas classes urbanas, cultas, burguesas, laicas, primeiras portadoras e primeiras vítimas do racionalismo que havia fechado o percurso iniciado na Idade Média. A secularização do suicídio completa-se entre esses séculos devido à descontinuidade que é dada pela descoberta dos perfis existenciais, econômicos e sociais. O afastamento do mundo clássico emerge de maneira gradual e é no século XIX que essa ação se torna alvo de estudo com diferentes formas de interpretação, como prática inevitável ou escolha subjetiva.

Na atualidade, o suicídio pode ser analisado como um elemento constituído numa dada sociedade. A decisão final sobre o caminho que o indivíduo vai desenvolver sobre sua vida, seu corpo, suas escolhas e as decisões sobre seu destino, é determinada pelas experiências no âmbito individual, mas devido às dinâmicas sociais, como afirmam Brandão, Ferreira e Sussuarana (2015). Assim, os preconceitos associados ao suicídio, que têm implicações morais, éticas, religiosas afetam o entendimento sobre a morte e interferem na percepção do ato, na sua aceitação, julgamentos e compreensão.

Em contrapartida, a partir dos dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde (Blog da Saúde/ Ministério da Saúde, 2017), que entre 2011 a 2016 a taxa de mortes por suicídio foram de 62.804, sendo a taxa de mortalidade indígena contabilizada de 15 óbitos para cada 100 mil habitantes, número três vezes maior que os registros de brancos e negros, não poderíamos deixar de falar do suicídio negro e indígena no Brasil pela sua identidade populacional. De acordo com Queiroz (2018), a partir da obra de Roger Bastide, que na sua reedição apresenta três aspectos importantes do suicídio negro brasileiro, diante do contexto das relações raciais do Brasil, tendo em vista uma análise da condição do negro em três momentos, a justificativa diante do suicídio negro apresentar um índice maior do que aos brancos, é devido à persistência da opressão, desde o período da escravização, pois os negros foram arrancados do seu território, tiveram ameaçadas as suas possibilidades de relação com sua ancestralidade, apartados de sua experiência filosófica e religiosa de ser no mundo, sendo conduzidos à força para serem utilizados como instrumentos de trabalho.

Inicialmente, Bastide propõe que o suicídio do negro escravizado no Brasil era recorrente e justificado pelas condições de vida, além de que o suicídio, para eles, seria uma

maneira de retornar à África, já que, ao retornar, a alma daquele que se matou poderia entrar no mundo dos mortos e encontrar os seus ancestrais. Os negros libertos, por sua vez, realizavam o suicídio pela impossibilidade, que lhes impuseram, de viver humanamente a vida na cidade, sendo esse um segundo período, chamado de recrudescimento, onde um maior índice de negros que brancos cometiam o suicídio.

A finalidade de discutir o suicídio negro brasileiro é mostrar como contextos sociais e históricos específicos e distintos podem constituir adoecimento, loucura, dor, morte, além de respostas de resistências coletivas, como sabemos. Portanto, qualquer explicação ou estudo do suicídio deve levar em conta as interpretações sociais do seu tempo, considerando o impacto das experiências onde se cruzam categorias como raça, classe, gênero, sexualidade, nação, entre outras.

Vejam, por exemplo, o caso de comunidades indígenas no Brasil. Luciana Christante (2010) vai explicitar a alta taxa de suicídio nas comunidades indígenas do Brasil, especificamente, na região do Mato Grosso do Sul. A autora descreve, com base nos dados da ONU e no Ministério da Saúde de 2000 a 2005, que o povo indígena Kaiowá, nos últimos anos, registrou o maior número de mortes provocadas, tendo como dados a taxa de mortalidade por suicídio nesta população, 19 vezes maior que a média nacional. O porquê desses acontecimentos é motivado pelos embates com fazendeiros nos últimos 20 anos, por causa da apropriação das terras ancestrais indígenas e das fronteiras agropecuárias em expansão, tendo em vista que muitos têm as tradições de identidade cultural ameaçadas, que levam ao envolvimento com uso do álcool e drogas, contribuindo para a realização do fenômeno.

Christante (2010) continua a argumentando que a mesma tendência é observada em relação a grupos de diversas partes do mundo. No caso do Canadá, o suicídio entre o povo esquimó é 11 vezes maior que a média daquele país, desta maneira, a taxa de suicídio dos esquimós é a maior do Canadá, não sendo diferente aqui. O povo indígena Kaiowá e outros grupos étnicos do Centro-Oeste faz com que essa região tenha o segundo maior índice de morte do Brasil, atrás apenas da Região Sul.

Diariamente enfrentamos conflitos, desastres, violências, abusos, perdas, crises políticas e econômicas, doenças que podem estar na base do adoecimento, da tristeza, do sentimento de miserabilidade e solidão, que podem ser ainda mais perceptíveis para grupos subalternizados e sistematicamente violentados pela pobreza extrema, discriminação, racismo, abusos físicos e psíquicos, como refugiados e migrantes; indígenas; lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e

intersexuais (LGBTI); e pessoas privadas de liberdade, sendo esses aspectos fortemente associados à tentativa do suicídio, ainda que não sejam fatores determinantes, de acordo com as Nações Unidas (2016) com base na OMS.

O suicídio é classificado pela Organização Mundial da Saúde (2000) como dor na alma, uma crise aguda, que pode ser acompanhada por alcoolismo, uso de drogas, a não aceitação de doenças, esquizofrenia, depressão, por exemplo. A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2018) informa que cerca de 20% dos suicídios globais acontecem por auto envenenamento com pesticidas, dos quais a maioria ocorre em zonas rurais de países com baixa e média renda. Outros métodos recorrentes são enforcamento e uso de armas de fogo. Segundo a SESAB (2017), as mulheres tentam o suicídio em número proporcionalmente maior que os homens, no entanto, estes o efetuam já na primeira experiência.

A sociologia é uma das vertentes das ciências humanas que tem o objetivo de estudar os comportamentos sociais e compreender as diferentes relações da sociedade. Assim, Émile Durkheim, como representante do campo sociológico, pesquisou sobre os fatos sociais, incluindo o suicídio. Jullyanne São Pedro (2017) afirma que Durkheim, ao tratar sociologicamente do suicídio, referia-se a ele como um acontecimento social e coletivo e não individual. Segundo a autora, Durkheim escrevera que cada sociedade apresentava uma predisposição para o suicídio em variados momentos históricos.

Durkheim (2000) explicava que a sociologia é uma disciplina das ciências humanas que analisa a sociedade a partir da construção da realidade, por meio dos fatos sociais. Os fatos sociais são uma construção que deve ser estudada metodologicamente como coisas, desassociando da concepção individual de cada um, sendo realidades externas ao indivíduo. Durkheim (2000) descrevia que são determinantes sobre os comportamentos dos indivíduos na sociedade, mediante o ato de pensar, agir, sentir, por existir uma predeterminação sobre as regras que tendem a ser seguidas, compreendidas e aceitas por todo corpo social; não seria algo imposto por um grupo social e sim comportamentos sociais que passam a ser seguidos por todos.

Durkheim (2000) afirmava que uma sociedade se organiza em fundamentos que a movem, sendo eles: a proteção, segurança, moral, ética, e que quando eles são alterados, atingem a todos, porque a sociedade é instável e se constitui em uma integração, gerando assim um ápice de loucura e desespero humano, podendo desenvolver fragilidades como o suicídio, que poderia ser explicado pela sociologia, posto que apresentaria possibilidade de compreensão da coletividade.

Durkheim, portanto, realiza um estudo sobre o ato suicida e escreve um livro denominado *O suicídio* que foi publicado originalmente em 1897. Para o próprio (2000), uma nova ciência só progride e é reconhecida quando os assuntos que são tratados sofrem mudanças e estão em contato com o social. A atribuição dada à sociologia para estudar o suicídio é que, por meio dele, identificamos que a sociedade constrói o individual e, por isso, é inaceitável falar do individual sem conceber a sociedade. O sociólogo ainda destacava que o coeficiente do suicídio aumenta com a aceleração do ritmo da vida nas variadas relações.

Durkheim (2000) relatou que o suicídio passava de um assunto íntimo a ser determinado por questões sociais, refletindo e indagando os laços sociais e o que ocasionava com as quebras. Ele explicava que o suicídio não pode ser entendido como motivação individual, que os fatores psicopáticos, hereditários, climáticos e geográficos pouco contribuem para a ação, e que pode ser pertinente ao isolamento, à ligação ou à ausência de normas de condutas da/na sociedade.

Na sua obra, Durkheim (2000) explicava que o suicídio poderia ser classificado em três tipos, devido às reações motivacionais: *Suicídio Egoísta* seria aquele movido por questões individuais; *Suicídio Altruísta* seria o praticado pelo indivíduo para solucionar uma “vida miserável” e, por último, o *Suicídio Anômico*, que ocorria devido à falta de regras sociais.

Durkheim (2000) desenvolve uma metodologia qualitativa e quantitativa por meio da qual pesquisa o índice de mortes por suicídio nos países europeus (século XIX), analisando-os por ano e taxa de mortalidade. O autor realiza o estudo considerando todos os fatos sociais que podem levar alguns grupos sociais, como celibatários, casados, protestantes, homens e mulheres na condução do ato, mediante as condições imprimidas nas relações, seja na religião, família, economia, por questões de retaliações, opressões, grau de integração social e doenças. A conclusão obtida foi que era possível identificar que a alta taxa de suicídio nesses países era ocasionada por algum fator social e não direcionada por questões isoladas.

O tema do suicídio interessa às Ciências Sociais desde Durkheim, como vimos, na medida em que concebemos a relação entre as singularidades dos sujeitos produzidas numa sociedade específica, marcada por seu tempo e história. Os efeitos sociais dos processos contemporâneos de globalização da economia sobre os sujeitos, por exemplo, são preocupações que atravessam a produção de teóricos e intelectuais como Bauman.

Fundamentados na observação durkheimiana de que devemos considerar a organização da sociedade brasileira com relação à produção das desigualdades, marginalizações e sofrimentos, buscamos verificar como o assunto é tratado sociologicamente, nesse país que

declara ser o suicídio o terceiro fator de morte da população brasileira, perdendo só para os homicídios e acidentes de trânsito.

Não obstante, as universidades brasileiras apresentam-se como contexto de interação social, exigindo dos estudantes uma mobilidade interpessoal e acadêmica, porém esse é um período marcado pela transição de fases, a saída do Ensino Médio e a entrada no Ensino Superior, o fim da adolescência e o início a vida adulta em nossa sociedade - um momento crucial ao desenvolvimento humano.

Esse novo ciclo, para alguns jovens universitários, pode ser caracterizado, de acordo com Cerchiari (2004), por uma revolução bio-psicossocial, já que as manifestações comportamentais e sociais dependem da sua inserção na sociedade, desse modo, pode desencadear o desenvolvimento de questões como crises identitárias e existenciais, por não saber o que vão ser no futuro, pela exigência de rendimento nos exames de admissão, uso de álcool e drogas. Na universidade, podem surgir ansiedade, depressão, crise de pânico, competitividade em alguns cursos, isolamento social, levando ao adoecimento, fracasso acadêmico, estresse, nervosismo, desequilíbrio emocional, tristeza. A própria busca de condição financeira pode ser um fator desencadeante de estresse. Desta forma, Silveira et al (2011) argumentam que:

Vários estudos epidemiológicos têm revelado que as perturbações mentais têm maior hipótese de surgir pela primeira vez no início da vida adulta, principalmente no período universitário [...]. Por outro lado, os estudantes universitários encontram-se na faixa etária em que surgem as primeiras manifestações de muitas doenças psiquiátricas graves como a Esquizofrenia, Perturbação Afetiva Bipolar, Depressão Major, Perturbação Obsessiva-Compulsiva, entre outras [...] e o prognóstico destas doenças melhora com a identificação e intervenção precoce. A presença de patologia mental não diagnosticada nem tratada poderá ter implicações significativas no sucesso acadêmico e nos relacionamentos sociais destes indivíduos [...] (SILVEIRA et al, 2011, p. 248).

Segundo Cerchiari (2004), a relação acadêmica mantida entre professores e estudantes pode ser significativa também nesta etapa, pois a depender da vinculação na sala de aula, as relações estabelecidas podem ser precipitadoras da ocorrência de problemáticas emocionais e psicológicas. Com base na autora, no mapeamento do serviço de atendimento aos universitários oferecido pelas IES realizados em 1999 e 2000, identificou-se que 92% das 14 instituições do nordeste pesquisadas possuíam atendimento aos estudantes, sendo 3 IES na Bahia: UFBA, UEFS, UESB.

Os cursos oferecidos pelas IES brasileiras nos quais os jovens mais enfrentam problemas psicológicos são os da área de saúde: medicina, psicologia e medicina veterinária, devido à

demandas e exigências do curso, além das engenharias e direito. Não podendo deixar de citar a discriminação e rejeição sofrida pelos estudantes ingressantes pelas políticas de ação afirmativa (os chamados “cotistas”) nesses mesmos cursos (ESTADÃO, 2017).

Consideramos, portanto, nesse estudo, que o suicídio não deve ser tratado ou visto de maneira isolada, mas enquanto fenômeno sócio-histórico e psicossocial. Este estudo torna-se relevante por se tratar de um conteúdo que ainda sofre desvalorização na identificação de sua problemática e na sua afirmação e é ainda permeado de justificativas incoerentes, desrespeitosas e estereotipadas.

Edelberto Junior (2017), ao discutir os últimos trabalhos do filósofo francês Michel Foucault, observa que ele fazia uma reflexão sobre os principais temas da filosofia antiga, sendo um deles o “cuidado de si”, que diz respeito às ações individuais e as coletivas, para o qual se faz necessário um olhar pra si, diante do caos social. Para Foucault seria indispensável que as pessoas se cuidem emocionalmente perante as situações corriqueiras.

6 DESENHO METODOLÓGICO

Com base nas ideias de Therezinha Luz Madel (2011), pensamos que as ciências humanas têm um papel de suma importância no desenvolvimento conceitual de algumas áreas do conhecimento. A autora afirma que:

As ciências sociais têm contribuído nos estudos desses eixos temáticos, não apenas com metodologia de pesquisa (“técnicas qualitativas”). Do nosso ponto de vista, é sobretudo no olhar disciplinar dessas ciências, centrado na compreensão e na interpretação dos fenômenos socioculturais ligados à saúde e ao adoecimento, isto é, nas suas abordagens conceitual e metodológica, que reside sua maior contribuição à vida humana contemporânea (MADEL, 2011).

Bernad Lahire (2004), em seu livro *Retratos Sociológicos*, propõe uma discussão acerca das metodologias de análise social, destacando a importância da sociologia na interpretação e descrição do mundo diante das desigualdades sociais, discorrendo que:

O mundo social está tanto dentro de nós como fora de nós. Na origem de nossas desgraças e de nossa felicidade, tanto individuais como coletivas, ele se diferenciou e se tornou tão complexo que produziu o sentimento de que o íntimo, o singular, o pessoal, se distinguiriam por natureza da sociedade (como dois objetos claramente distintos) e até mesmo se contraporiam a ela. Em um estado de diferenciação particularmente avançado, por paradoxo ou por artimanha do mundo social, temos a sensação de uma vida subjetiva não social ou extra social (LAHIRE, 2004, p. 12).

Com isso, queremos argumentar pelo recorte que pretendemos fazer, quanto à abordagem teórica, de circunscrever a produção teórica do suicídio no campo das ciências sociais, buscando verificar como ele tem sido abordado teoricamente nos últimos 10 anos no Brasil, com o aumento entre os jovens de 15 a 29 anos.

A pesquisa considerará a metodologia da pesquisa *qualitativa e quantitativa*. *Qualitativa* por ser uma opção de investigação do tema estudado com a finalidade de obtenção de dados para compreender concepções, pontos de vista, discussões, conceitualizações que se organizam discursivamente em documentos acerca do suicídio e na bibliografia estudada, conforme mencionamos. Pela metodologia de pesquisa *quantitativa* intencionamos, por meio de levantamentos com base em dados de estudantes das universidades que têm procurado os centros de acompanhamento das universidades, traçar um mapa da presença do suicídio nas universidades da Bahia, com a descrição do perfil sociodemográfico dos estudantes, alvos dessa pesquisa.

Mayan (2001) apresenta algumas diferenças acerca das abordagens qualitativas e quantitativas, apontando que enquanto a primeira é essencialmente indutiva e seu investigador procura abarcar o fenômeno, a segunda é dedutiva e tem o propósito de aprender sobre a distribuição de uma característica, atitudes ou crenças em uma dada população. “Em lugar de uma descrição densa ou detalhada do fenômeno, os dados quantitativos se apresentam na forma de números que, quando são interpretados, ajudam a explicar o fenômeno” (MAYAN, 2001, p. 6). A pesquisadora afirma ainda que as duas abordagens são importantes e “iluminam diferentes aspectos do problema” estudado.

O presente projeto fundamenta-se na pesquisa *bibliográfica e documental*. *Bibliográfica* por ser uma opção explicativa de um dado problema a partir de fontes teóricas existentes em materiais já publicados, ou seja, a pesquisa se realiza mediante conhecimentos já existentes, em livros, artigos científicos, teses ou dissertações, como indicam Cervo e Bervian (1983, p. 55 *apud* RAUPP; BEUREN, 2006, p. 86).

No que diz respeito à pesquisa *documental*, é o exame baseado em materiais, considerados documentos, que quando analisados podem apresentar um valor de contribuição científica, com base em Silva e Grigolo (2002), citado por Raupp e Beuren (2006). Podem ser usados para coleta de dados e análise, documentos como cartilhas, manuais, planos nacionais, sites de centros, núcleos, institutos, ONGs ligados ao suicídio, para buscar informações, relatos de ações e dados. O estudo inicial do tema e sua discussão considerará o aprofundamento das produções bibliográficas no campo da sociologia e do suicídio e da

psicologia, já apresentadas aqui e outras que buscaremos para subsidiar nossa compreensão e discussão. Entre os documentos que analisaremos estão aqueles materiais disponibilizados nos sites da Organização Mundial de Saúde, Secretária da Saúde do Estado da Bahia, Centro Antiveneno da Bahia, Organização Pan-Americana da Saúde, Núcleos de Estudos e Prevenção do Suicídio e a cartilha de prevenção ao suicídio chamada “Suicídio: estigma e enigma social”.

Utilizamos a pesquisa *explicativa* e *descritiva* como possibilidade de discussão e produção de conhecimento sobre o tema. A pesquisa é *descritiva* porque interpreta, analisa e descreve sociologicamente os dados obtidos por meio dos fatores que implicam no fenômeno do suicídio na sociedade, ela segue também uma linha *explicativa* por teorizar acerca dos processos que discute, identificando os fatores que contribuem para a ocorrência suicida entre os jovens universitários, mobilizando conhecimentos acerca da realidade do problema.

Destacamos que a análise de dados acontecerá como um processo que pode ocorrer em vários momentos da pesquisa e, através desse processo, a compreensão do investigador qualitativo pode ir aumentando até que possa ser possível criar compreensões mais densas sobre o objeto estudado, estabelecer relações entre os dados, conectar os achados com a literatura e buscar relações entre as categorias.

A pesquisa busca respeitar os direitos de sigilo, garantia de anonimato e participação voluntária esclarecida e consentida, mediante termo com a apresentação da pesquisa e seus objetivos. Garantir-se-á a integridade das fontes de pesquisa, mediante a ética com relação aos dados encontrados e trabalhados na pesquisa.

Pretendemos, desse modo, propor novas lentes de observação sobre o tema que, posteriormente, podem contribuir para a ampliação da discussão sobre o suicídio entre jovens universitários na Bahia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. N.; SILVA, J.; FÉLIX, A. e ROCHA, R. A. M. O suicídio no Brasil: Um desafio às Ciências Sociais. **Rebela**, v.5, n.3. set./dez. 2015.
- BARREIROS, B. C. Sociologia e psicologia: disposição social como via de convergência. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC. **Psicologia & Sociedade**, n. 29, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i161516>
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENTO, M. A.; CARONE, L. **Psicologia Social do Racismo**. Rio de Janeiro: Cortez, 2002.
- BOLSONI-SILVA, A. T, GUERRA, B. T. **O Impacto da depressão para as interações sociais de universitários**. Bauru: Ed. UNESP, 2014.
- BRANDÃO, W. O.; FERREIRA, E. A. e SUSSUARANA, A. C. O suicídio no contexto da civilização. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, v.8, n.2, p.229-245, jul./dez.2015
- BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/1996. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58p
- CAROPRESO, F. Inconsciente, cérebro e consciência: reflexão sobre os fundamentos da metapsicologia freudiana. **Scientiaezudia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 271-82, 2009.
- CASTRO, V. R. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. **Revista Gestão em Foco**. Edição nº 9, 2017.
- CERCHIARI, E. A. N. **Saúde mental e qualidade de vida em estudantes universitários /** Ednéia Albino Nunes Cerchiari. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.
- CHRISTANTE, L. Com/Sem saída. O suicídio cresce no mundo todo, principalmente entre jovens. Mas, apesar de ser um fenômeno complexo, que envolve fatores sociais, psicológicos e genéticos, é possível preveni-lo de um modo simples e eficaz; duas iniciativas já estão em andamento em SP. **Unespiciência Saúde Mental**. Outubro 2010. Disponível em: <https://www.unesp.br/aci/revista/ed13/com-saida>
- COLARES, V.; DA FRANCA, C.; GONZALEZ, E. Condutas de saúde entre universitários: diferenças entre gêneros. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 25(3):521-528, mar, 2009
- DA SILVA, K. F. A.; ALVES, M. A.; DO COUTO, D. P. Suicídio: uma escolha existencial frente ao desespero humano. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas** v. 1, n. 2, jul./dez. 2016.
- DA SILVA, T. M.; TEIXEIRA, T. O.; DE FREITAS, S. M. P. Ciberespaço: uma nova configuração do ser no mundo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 176-196 abr. 2015.

DURKHEIM, É. **O Suicídio: Estudo de Sociologia**. Tradução Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUTRA, E. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, Rio Grande do Norte. **Artigos. Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 924-937, 2012.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/frantz-fanon-pele-negra-mascaras-brancas-download/>

FAVERO, M. L. A. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Editora UFPR

FERREIRA, R. E. C. **O Suicídio**. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal: UC, 2008.

GAMMONE, M.; PERILLI, E.; RECCHIONI, M.; ROMUALDO, C.; SIDOTI, F. e SILVA, M. A. O Contexto do Suicídio. **Trilhas Pedagógicas**, v. 6, n. 6, ago. 2016, p.257 -287
JUNIOR, E. P. Do tolo ao sábio: a filosofia como forma de vida em Michel Foucault. **Prometeus Filosofia**. Setembro-dezembro 2017, n° 24.

LAHIRE, B. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p.01-13.

MAYAN, M. J. **Una introducción a los métodos cualitativos**: módulo de entrenamiento para estudiantes y profesionales. México, 2001. *mimeo*

MOSÉ, V. **Sobre o princípio de fragilidade**. Curitiba: Átrio dos Gentios, 2017.

MULLER, S. A.; PEREIRA, G.; ZANON, R. B. Estratégias de prevenção e pósvenção do suicídio: Estudo com profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, vol. 9, n. 2, p. 6-23, Jul.-Dez., 2017.

NOGUEIRA, I. B. Entrevista. In. AMMAR, I. **Efeitos psicossociais do racismo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

OMS. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária transtornos mentais e comportamentais departamento de saúde mental**. Genebra, 2000.

QUEIROZ, J. B. **Apresentação: o suicídio do negro brasileiro**. **Repocs**, v.15, n.29, jan./jul. 2018

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e pratica**. 3ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 76-97

REIS, F. S., ALMEIDA, G. F. As relações líquidas contemporâneas em Bauman e Frankl: uma discussão sobre modernidade e falta de sentido. **Revista Científica Semana Acadêmica**.

Fortaleza, ano MMXVIII, Nº. 000120, 13/03/2018. Disponível em:
https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_rev.pdf

SÃO PEDRO, J. R. **O suicídio enquanto um fenômeno sócio-histórico: possíveis atuações e desafios da Psicologia.** In: II Congresso Brasileiro de Ciências da saúde, Campina Grande, 2017.

SILVEIRA, C. et al. Saúde mental em estudantes universitários, Experiência da Consulta de Psiquiatria do Centro Hospitalar São João. **Acta Med Port.** 2011; 24(S2): 247-256

SUASSUNA; A. **A sociedade diante da morte.** PUC-RIO Certificação Digital Número 0710425/CA12. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34467/34467_3.PDF

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

ZANLUQUI, L. V.; SEI. M. B. **Suicídio: já parou para pensar?** 2ª ed. Londrina: Ed. UEL, 2017.

SITES/ SÍTIOS ELETRÔNICOS CONSULTADOS

<http://www.blog.saude.gov.br/index.php/servicos/52951-suicidio-entre-indigenas-e-uma-das-taxas-mais-elevadas-do-pais>

<http://www.brasil.gov.br/noticias/saude/2017/09/assistencia-psicossocial-tem-papel-fundamental-na-prevencao-do-suicidio>

<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/sobre-suicidio-na-sociologia-Emile-durkheim.htm>

<http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atenaobasica.pdf>

<https://www.cafecomsociologia.com/suicidio-emile-durkheim/>

https://www.cvv.org.br/wpcontent/uploads/2017/05/manual_prevencao_suicidio_profissionais_saude.pdf

<http://eshoje.com.br/graduacao-da-depressao-peso-da-vida-academica-esgota-emocionalmente-alunos/>

<https://www.infoescola.com/sociologia/suicidio/>

<https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo/>

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839

<http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/suicidio>

<https://queconceito.com.br/universidade>

<http://www.saude.ba.gov.br/?s=suic%C3%ADdio>

<http://www.saude.ba.gov.br/temas-de-saude/cartilhasuicidio/>

<http://www.saude.ba.gov.br/2017/09/26/seminario-discute-a-prevencao-do-suicidio/>

<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,aumento-de-transtornos-mentais-entre-jovens-preocupa-universidades,70002003562>

<https://www.significados.com.br/universidade/>

<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=163>

<https://www.unesp.br/aci/revista/ed13/com-saida>

<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/zygmunt-bauman-o-pensamento-do-sociologo-da-modernidade-liquida.htm>

<https://www.youtube.com/watch?v=eYRAFPwkjps>

<https://www.youtube.com/watch?v=GWtXRENDEHE>
<https://www.youtube.com/watch?v=IwUiv40GKo4>
<https://www.youtube.com/watch?v=UkpWIGkK1Ac>